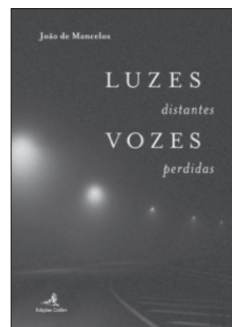


## *Um belíssimo livro de poesia*

JOÃO DE MANCELOS (2019). *Luzes distantes, vozes perdidas*. Lisboa: Colibri, 92 p.



### 1.

*Luzes Distantes, Vozes Perdidas*, de João de Mancelos, das Edições Colibri, é o sétimo livro de poesia do autor, professor universitário, que, além de poeta, tem obra nos domínios da ficção narrativa, do ensaio e da didáctica (escrita criativa, escrita criativa on-line, e guionismo).

João de Mancelos, mantendo a sua produção poética ao nível a que nos está a habituar, e, principalmente, em *Luzes Distantes, Vozes Perdidas*, ficará certamente entre os nomes duma geração de novos eleitos, e assim seja.

### 2.

Há quatro meses, desde a sua publicação, que *Luzes Distantes, Vozes Perdidas*, me desafia da mesinha de cabeceira. Várias vezes o li, lendo partes dele, depois de o ter lido todo, e sabia que haveria de reflectir mais sobre a poesia nele. Decidi-me, finalmente, tirei-o do quarto, e aqui estou.

### 3.

*Luzes Distantes, Vozes Perdidas*, de João de Mancelos, é um muito belo livro de poesia tecido por um mestre artesão da mais fina filigrana lírica. Cada um dos seus poemas, todos eles formados apenas por três versos, é uma concentração extraordinária de sentido e de beleza irradiante explosiva. Em muitos deles apetece parar, contemplando, mais que lendo, tal a força da revelação neles inscrita. E isto acontece, e o leitor tem que ler para crer, porque o seu autor,

João de Mancelos, tenha ele consciência disso, ou não, mas deve ter, é um poeta possuído pelo dom da escrita. E o brilho de cada poema, acrescenta e ilumina a obra toda. E, todavia, tudo nos é transmitido numa linguagem que, aparentemente, nos parece muito fácil. Na verdade, o autor usa, como já nos habituou, uma linguagem concisa e depurada, até aos limites, onde domina a clareza, a simplicidade e a leveza, mas também a subtileza inteligente e elegante, a sugerir e a dar espaço ao leitor, para se envolver no quadro. Ao mesmo tempo, é uma linguagem encantatória, na selecção vocabular, rica e rigorosa, na sua variedade simbólica, na sua harmonia musical e na, muitas vezes contrastiva, visualidade ideográfica. A poesia de João de Mancelos, na sua subida concisão, porventura, elíptica, capta o espírito, embala a alma, prende o olhar. Neste livro, cada poema é, por regra, uma tela escrita com palavras e imagens contemplativas de revelação. Sopram aqui ventos do oriente, na subtileza pictórica ideográfica.

#### 4.

*Luzes Distantes, Vozes Perdidas* tem 62 poemas ao todo, ou seja, 62 tercetos, distribuídos por cinco partes, a saber, e do seguinte modo: «o último verão da adolescência» (17); «as memórias», «pássaros invisíveis» (12); «breves notas sobre o silêncio» (8); «boca a boca» (16) e «poemas de lume» (9).

Pode o leitor escolher um poema, ou dois, ou três, de cada vez, ou uma ou outra parte isolada e, mesmo assim, obter deles fruição estética capaz, digna de bom apreço, pois que, como já se viu, cada um é uma pérola de sentido e arte concentrada, tendo o seu autor aquele tal dom de, em cada poema, plasmar, em subtil profundidade, vivências singulares, e pensamentos, que súbito se impõem com pormenores de requinte cativantes. Não se ficará por aí o leitor avisado e imbuído, mesmo que minimamente, do espírito da poesia. É isto, porque *Luzes Distantes, Vozes Perdidas*, de João de Mancelos, é um livro de poesia que deve ser lido, pausada e atentamente, no seu todo, como uma narrativa, como uma partitura, ou, dada a sua rica visualidade, como tela que se contempla pensativa. O leitor se encantará nos caminhos da leitura, e verá, inteligente, às vezes andando para trás e para a frente, outras vezes parando, que cada uma das partes se enriquece, entrelaçada com as outras, e com o todo, e que o todo é muito mais valioso que a simples soma das partes. Depois, sim, poderá voltar, uma e outra vez, como eu fiz, ao pormenor das partes, ora com o todo iluminado.

## 5.

O próprio título, *Luzes Distantes, Vozes Perdidas*, nos aponta para uma visão abrangente de vivências que se diluem, perdidas na distância de um espaço e dum tempo. Também a evocação desses momentos, pela ponte da memória, que atravessa as cinco partes, interligando-as, é garante da unidade. Nelas se encadeiam as vivências, e os estados de espírito, delas decorrentes, que se evocam, em registos variados de viagem, que é una, no seu todo. Começa esta naquele tempo mágico mais longínquo da sua ocorrência – «o último verão da adolescência» –, e termina no tempo mais próximo da sua evocação transfigurada, vertida na poética da palavra, em que se fixam sublimadas – «poemas de lume» –, cumprindo, em minha opinião, o ciclo completo duma viagem interior evocativa, criativa e órfica.

### 5.1.

Evoca-se, em «o último verão da adolescência» um passado próximo, luminoso, colorido e mágico, com indícios de avisos de sombras sibilinas. É essa luz aquela força vital, no seu apogeu da adolescência, mas que acaba, até porque é o seu último verão. Poderia ser o último verão de qualquer adolescente, com todo o fascínio do enamoramento e da paixão, vivida e desejada, mas que, e porque toda a paixão é finita, deixa na memória marcas indeléveis de luz e de sombras para todo o sempre, e às quais sempre se volta, de intensas. É um tempo que, em termos da magia evocada, se aproxima muito do «Era uma vez», das fábulas, que tem o dom de nos fazer voar até ao mundo maravilhoso, onde os sonhos são verdade, e onde se crê fielmente que os amores impossíveis são, não só possíveis, como muito naturais. E o mesmo acontece com as ilusões. Todo o verão, toda a paixão, todo o amor irradiante da adolescência, e assim visto, acaba.

### 5.2.

Esse verão vai ficando mais distante no tempo e, enquanto isso, agitam-se «as memórias, pássaros invisíveis», penduradas no espírito do sujeito, envoltas na melancolia da perda, na insónia que desgasta, no sonho que se torna pesadelo, na dor acutilante e sem remédio, num beco sem saída, perdido na distância. Enquanto isso, vai-se descendo até ao fundo de si mesmo, que se busca e se alcança, na seta do tempo. É nesse fundo que mora o silêncio, passados três anos, e doze poemas depois. Há muita noite nessa descida dos doze passos.

E neles se dilui, fugidia, a harmonia perdida do verão. Mas chega-se ao fundo do lado sombrio do vale, à solidão do silêncio. Talvez seja possível a sabedoria para encontrar outro caminho, que não seja só de sombras.

### 5.3.

Entra-se, agora, pois, nas «breves notas sobre o silêncio», onde parece que se toca no fundo do limite, não havendo nada mais que o silêncio quase sólido, nada mais que turve, ou perturbe a voz mais funda de nós mesmos, ou da alma, ou do sagrado. Talvez se encontre uma abertura porta por onde passa a perfeição, e onde só o transcender se opera, ou pode. Só no silêncio se pensa sabiamente, e se debicam pacientes os grãos da sabedoria necessária para sair do inferno. Se se reparar, estamos exactamente a meio da viagem, no eixo do livro, no fundo do vale. O silêncio, por regra, salva-nos do inferno. Onde está Eurídice? Curiosamente, ou talvez não, são oito as «breve notas sobre o silêncio», pelo que se pode dizer que, simbolicamente, estamos numa zona onde se pode alcançar o equilíbrio, e retomar, ou não, a viagem noutra direcção ou sentido, já sustentado no poder do saber que no silêncio chama.

### 5.4.

A partir do silêncio, a viagem recomeça em «Boca a boca», onde ressurgue, da porta que se abre no fundo do limite, o espírito e a vontade de regresso ao lado quente, luminoso e redentor, que é o fogo e o amor, revivescente, ou recriado, após a depuração reflexiva do silêncio. Encontra-se o caminho da subida na vertente ensolarada do vale. Parece que Eurídice regressa. Ela é o irredutível e precioso princípio feminino que se guarda, que acalma as sombras e alimenta o desejo. O corpo é fogueira e verão que se quer de vez e para sempre. Rumoreja o vestido num silêncio, que agora é de adoração, toca-se a maciez do peito, os pássaros agora são os dedos delirantes, por ente chamadas, sem pousar. Mas, fere os olhos a excessiva luz, e a lava derretida dos vulcões arrefece. Afinal o que é que acontece? Não se pode recuperar o verão que se perdeu. Perde-se Eurídice, sempre no olhar para trás.

São dezasseis os poemas de «Boca a boca». Neles se inicia uma marcha triunfante de subir ao céu, na exaltação do corpo, nos primeiros dez. Esmorece-se, depois, e hesita-se nos quatro poemas seguintes. Nos dois últimos consuma-se a impossibilidade do regresso do verão passado. Seria o céu. Mas não. Eurídice não voltará. O fogo em «boca a boca» tem a sua finitude irreversível. Onde está, então, o fogo mais sagrado e para além?

### 5.5.

Está, ou está-se perto dele, em «poemas de lume», quinta e última parte de *Luzes Distantes, Vozes Perdidas*, corolário da viagem, que se quer de superação, e que começa exactamente por citar esse «sacrum furore». Estamos na terra. Só num esforço de depuração transfigurador se poderá atingir o céu, ideal de perfeição. E a poesia é a via escolhida de chegar, nem que seja sempre, e só, por apropinuação, ao ideal de perfeição, que só o divino. É por isso que os poemas não andam por aí mão de semear. É preciso que se desçam os degraus, um a um, até ao inferno da solidão para aprendermos «o terrível silêncio de um verso.» É também, a poesia, uma demanda dum intemporal, por rejeição do temporal, ou tentativa de vencer, sublimando, o dual procurando a harmonia da unidade: «a poesia é um desassossego». Parece que a poesia tem uma gravidade solene supra ou infra terrena. Talvez por ela um mundo toque e se eleve até outro mundo, porque «todos os poemas nascem e morrem / no lado mais azul / do vento.»

### 6.

A poesia em *Luzes Distantes, Vozes Perdidas* é surpreendentemente bela e subtil, sendo, ao mesmo tempo, muito fácil, muito embora seja melhor que o leitor esteja atento. Referi já que o seu autor deveria estar possuído pelo génio da escrita, a escrevê-la, e devia. Há, por exemplo, uma repetição encantatória de elementos, que nos vicia e nos prende, diria até, subliminarmente. E digo-o assim porque, quando vamos procurar o porquê de tal encantamento, encantamo-nos ainda mais. E isto acontece no conjunto da estrutura do todo e da parte, mas também na palavra simples, no grupo de palavras, nas figuras, no visualismo ampliado das imagens, das ambíguas metáforas variadas. E há em toda a obra um rico simbolismo antigo dos elementos, misturados na subtilidade oriental. Ora, acontece que todo o tipo de reiterações provoca gradações progressivas de atenção, de harmonia e de sentido acumulado. Em «o último verão da adolescência», no segundo poema, lemos: «era uma rapariga de olhos cor de sombra / e vestido melancólico / onde todos os rapazes adormeçam.» Está estrutura anafórica «era uma rapariga», num total de dezassete tercetos, vai-se repetir dezasseis vezes, repetindo-se a palavra «rapariga», ainda mais oito vezes, o que dá um total de vinte e quatro repetições. E o problema é que não cansa, antes estimula. O «era uma rapariga», leva-nos direitinhos para o mundo mágico do «era uma vez», onde os amores impossíveis são bem sucedidos, tal como juram as paixões adolescentes. E, ao mesmo tempo que nos leva para

esse sonho mágico, dá mais visualidade à rapariga, cria ritmo e harmonia. E é assim também que, através de metáforas e imagens, frescas e coloridas, João de Mancelos traça um dos mais belos retratos femininos que não vejo retratado há muito tempo. Na verdade, esse retrato é um retrato do desejo intemporal. É um autêntico hino luminoso, de cores quentes e amorosas vivas, onde alguns prenúncios de sombra sibilinos se adivinham. Tanto que a primeira parte termina com a advertência: «não esqueças nunca / o verão distante, a luz perdida, / a rapariga que incendiou a noite para ti.» Quem pode na verdade esquecer o amor, talvez o primeiro, do último verão da sua adolescência, fosse verdadeiro, ou imaginado. O melhor talvez, para o conservar, seja sublimá-lo em ideal poético: «desce os degraus, / poema a poema, / até ao silêncio.» Até porque só lá se ouve a voz sagrada e íntima, nunca ouvida ou dita.

## 7.

Mas isto não é tudo. Antes está mais perto do nada do que do tudo. *Luzes Distantes, Vozes Perdidas* dava facilmente uma tese. Seria interessante analisar a frequência de símbolos ou termos, como «navio», «vento», «pássaros», «neve», «árvore», «fogo» e outros termos correspondentes. Ver como se repetem ao longo das cinco partes, e que sentido têm. Ver e comparar as três vezes em que aparece o «vestido». Ver as cores onde, explícitas ou adivinhada, nomeadamente o «azul» e o «branco», que são um ícone em João de Mancelos, mas sem esquecer as cores do fogo e da noite. É que tudo isso está contemplado na arquitectura de *Luzes Distantes, Vozes Perdidas*, podendo-se estabelecer correspondências entre as partes. Foi nisso tudo em que andei meditando. Agora, porém, limitar-me-ei à referência da estrutura em forma de V do vale, tão ao gosto oriental. Sendo assim, findo o verão, a primeira parte, «o último verão da adolescência», desce pela vertente à esquerda, que está ensombrada, e continua a descer, na segunda parte, «as memórias, pássaros invisíveis», e até ao fim: «três anos sem ti / e a minha sombra / é cada vez mais breve». É, então que chega ao vértice do V, que é o centro, ou eixo de tudo, onde tudo se ouve que vai além de nós. É esse centro, a terceira parte, «breves notas sobre o silêncio», toda ela breve, só com oito poemas, porque ela é o limite, o lugar onde a sabedoria bebe. E grande é o esforço para que se saiba: «de coração carbonizado, voei até ao fim. / não há febre mais escura, / não há silêncio tão exausto.» Recomeça, então a viagem, agora de baixo para cima, e na encosta do vale, onde bate o sol. E recomeça com muito cuidado: «transporto o oceano nas mãos em concha, / caminho cautelosamente, para não tropeçar. / a gota que perder podes ser tu.»

Eurídice? Será? Parece. Mas ao fim de doze poemas, todo o fogo esmorece e arrefece, já não se acredita, Eurídice desaparece na curva do último olhar, e o que se adivinhava de exaltação acaba: «já nenhum pássaro regressa / ao lugar mais noturno / do teu peito.» Entra-se, então na quinta parte, «poemas de lume». Estamos na última parte das encostas do vale. Temos que entrar nos domínios do transcendente imaterial, o tal céu. Só lá chegam os que são capazes de descer aos infernos: «se os deuses não queriam / que fossemos perfeitos, / por que nos deram a poesia?» Para lá chegar é preciso encontrar «a linguagem / que respira o fogo nu», porque «todos os poemas nascem e morrem / do lado mais azul / do vento.» Só no silêncio se ouve a voz sagrada:

desce os degraus

desce os degraus,  
poema a poema,  
até ao silêncio.

*António Mota\**

---

\* Escritor e crítico literário. Vd. igualmente *infra* «Apontamentos Literários».